ATIVIDADES MUSICOPEDAGÓGICAS DE CRIAÇÃO MUSICAL MEDIADAS POR INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Comunicação

GTE 10: Educação Musical, Tecnologias e Cultura Participativa Digital

Thiago Machado Sampaio
Instituto Federal Baiano / Universidade Federal da Bahia
thiago.sampaio@ifbaiano.edu.br

Vinicius Nelson Lago Silva
Instituto Federal Baiano
vinicius.silva@ifbaiano.edu.br

Maria Raquel Oliveira Silva
Instituto Federal Baiano
mariaraquel.ifbaiano@gmail.com

Resumo: A crescente incorporação da Inteligência Artificial Generativa (IAG) às práticas culturais e educacionais tem ampliado as possibilidades de criação musical, ao mesmo tempo em que suscita desafios relacionados à autoria, à mediação pedagógica e ao uso crítico dessas tecnologias. Embora estudos recentes indiquem o potencial da IAG para apoiar atividades de composição e produção musical, ainda são necessárias propostas que articulem seu uso aos referenciais da Educação Musical. Este artigo tem como objetivo discutir possibilidades de integração da IAG em atividades musicopedagógicas de criação musical voltadas à Educação Básica, compreendendo essas tecnologias como instrumentos de mediação dos processos criativos, e não como substitutas da autoria e do protagonismo discente. Trata-se de uma pesquisa de natureza teórico-propositiva, desenvolvida a partir de revisão bibliográfica sobre criação musical, Inteligência Artificial e Educação Musical. A discussão fundamenta-se nas contribuições de Keith Swanwick (2003) e Paulo Costa Lima (2012), articuladas aos debates sobre literacia algorítmica e mediação pedagógica. Como resultado, são apresentados princípios para a elaboração de atividades musicopedagógicas, um panorama de ferramentas de IA aplicáveis à criação musical e propostas didáticas que integram essas tecnologias aos processos de composição e experimentação sonora, preservando a criatividade, a reflexão crítica e a autonomia dos estudantes.

Palavras-chave: Educação Musical. Criação musical. Inteligência Artificial.

Introdução

A Inteligência Artificial tem se consolidado como uma das tecnologias mais influentes do século XXI, promovendo transformações significativas em diversos setores da sociedade, entre eles a música. No campo musical, o desenvolvimento de sistemas de Inteligência Artificial generativa possibilitou o surgimento de ferramentas capazes de produzir letras, melodias, harmonias, acompanhamentos, arranjos e interpretações musicais a partir de comandos fornecidos pelos usuários. A incorporação dessas tecnologias vem reconfigurando processos de produção, circulação e consumo da música, ampliando o acesso a recursos criativos que anteriormente demandavam conhecimentos técnicos especializados. Em decorrência desse cenário, ferramentas de Inteligência Artificial passaram a integrar práticas de músicos, produtores, estudantes e demais interessados em criação musical.

A crescente incorporação dessas tecnologias alcançou também o contexto educacional. Ferramentas de Inteligência Artificial generativa vêm sendo utilizadas em atividades de composição, arranjo, acompanhamento instrumental e experimentação sonora, ampliando as possibilidades de criação na Educação Musical. Entretanto, sua presença suscita questões relacionadas à autoria, à criatividade, à mediação docente e ao uso crítico dessas tecnologias, evidenciando a necessidade de critérios pedagógicos para sua integração ao ensino de música.

A literatura brasileira recente já identifica usos e tensões da IA no campo. Gohn (2025) examina ferramentas aplicadas ao ensino e à aprendizagem de bateria e percussão, enquanto Oliveira, Chagas Neto e Barros (2026) propõem atividades com a plataforma Moises baseadas em separação de faixas, escuta, prática e criação. Nos anais do Congresso Nacional da ABEM de 2025, Cernev (2025) evidencia usos da IA por licenciandos e a insuficiência do debate curricular; Amaral e Silva (2025) identificam potencialidades e lacunas na práxis pedagógica; Veras e Oliveira (2025) discutem orientação e implicações éticas na formação em pesquisa; e Sampaio e Westermann (2025) apontam a escassez de estudos empíricos na Educação Básica. Esses trabalhos demonstram que a discussão está sendo estabelecida na área, mas permanece aberta a proposições didáticas fundamentadas e investigações situadas no contexto escolar.

Parte-se do pressuposto de que a criação musical constitui um princípio da aprendizagem musical e de que a utilização da Inteligência Artificial deve fortalecer, e não substituir, os processos criativos dos estudantes. Nessa perspectiva, sua integração ao ensino requer mediação docente, protagonismo discente e o desenvolvimento da literacia algorítmica e da cidadania digital. Este artigo tem como objetivo discutir princípios pedagógicos e propor atividades musicopedagógicas de criação musical mediadas por Inteligência Artificial para a Educação Básica, tomando o processo criativo como eixo estruturante da aprendizagem musical.

Durante a preparação deste trabalho, os autores utilizaram o ChatGPT (OpenAI, modelo GPT-5.5) para apoio à organização da estrutura do manuscrito, revisão linguística e discussão de aspectos relacionados à redação acadêmica. Também foi utilizado o NotebookLM (Google, versão disponível em Junho de 2026) como ferramenta de leitura assistida e organização das referências bibliográficas previamente selecionadas pelos autores, auxiliando na organização das referências e na identificação de convergências teóricas. Após o uso destas ferramentas, os autores revisaram e editaram o conteúdo gerado em conformidade com o método científico e assumem total responsabilidade pelo conteúdo da publicação.

Criação musical como princípio da aprendizagem musical e formação crítica

Nas últimas décadas, a criação musical consolidou-se como um dos princípios estruturantes da Educação Musical contemporânea, deslocando o foco de abordagens centradas na reprodução técnica para práticas que compreendem os estudantes como sujeitos ativos da experiência musical. Nessa perspectiva, compor, improvisar e elaborar arranjos deixam de ser atividades restritas à formação de especialistas e passam a constituir modos privilegiados de aprender música.

Essa compreensão encontra sólido fundamento na obra de Keith Swanwick (2003), para quem a música constitui um discurso simbólico e metafórico e a aprendizagem musical deve ocorrer por meio de experiências autênticas de fazer música. Em seu modelo C(L)A(S)P, composição, apreciação e performance articulam-se como dimensões indissociáveis da

aprendizagem. Nesse contexto, a composição ocupa posição central por envolver a organização de materiais sonoros, a realização de escolhas musicais e a construção de significados. Ao compor, o estudante mobiliza seu repertório cultural, integra escuta, performance e reflexão e desenvolve uma compreensão musical que ultrapassa a reprodução técnica.

Essa concepção é corroborada por Beling e Nassif (2019), que, fundamentados na psicologia histórico-cultural de Vigotski, compreendem a criação como resultado da recombinação de experiências previamente vividas. Nessa perspectiva, criatividade e reprodução não são processos opostos, mas complementares, uma vez que novas produções musicais emergem da reelaboração crítica de repertórios já apropriados pelos estudantes.

Essa compreensão aproxima-se da noção de composicionalidade proposta por Paulo Costa Lima (2012), segundo a qual compor não consiste apenas na elaboração de uma obra musical, mas na produção de mundos simbólicos, culturais e identitários. Para o autor, a composição caracteriza-se por um processo permanente de invenção, criticidade e reciprocidade, no qual o sujeito transforma a obra ao mesmo tempo em que é transformado por ela. Para o autor, a composição caracteriza-se por um processo permanente de invenção, criticidade, reciprocidade e tomada de decisões, no qual o sujeito transforma a obra ao mesmo tempo em que é transformado por ela.

A aproximação entre Swanwick e Costa Lima permite compreender a criação musical simultaneamente como experiência de aprendizagem e exercício de formação crítica. Criar música implica produzir discursos musicais por meio de escolhas estéticas, culturais e políticas que articulam conhecimentos musicais, identidades e modos de compreender a realidade.

Essa centralidade das escolhas constitui um dos aspectos mais relevantes da criação musical enquanto prática pedagógica. Em diferentes estudos realizados na Educação Básica, observa-se que os processos criativos colocam os estudantes diante da necessidade de experimentar possibilidades, justificar decisões, negociar ideias e revisar continuamente suas produções. Em oficinas de composição de canções na Educação Infantil, Mascarenhas, Macedo e Parente (2024) evidenciam que crianças pequenas são capazes de discutir, modificar e justificar coletivamente suas escolhas musicais durante o processo composicional. De forma semelhante, Ziel (2024) demonstra que atividades de composição nos anos finais do

Ensino Fundamental favorecem o desenvolvimento da autonomia, da criatividade, do pensamento crítico e da capacidade de expressão dos estudantes. Maheirie e Barreto (2019), por sua vez, mostram que experiências envolvendo composição, gravação e produção musical colaborativa fortalecem a autoestima, o sentimento de pertencimento e o reconhecimento dos estudantes como produtores de cultura.

O principal valor pedagógico da criação musical reside no processo de experimentação, escuta, formulação de hipóteses, negociação de significados e tomada de decisões, mais do que no produto final obtido. Nesse contexto, o professor atua como mediador da aprendizagem, organizando situações que desafiem os estudantes a criar, refletir e justificar suas escolhas. Essa compreensão torna-se particularmente relevante diante da crescente presença da Inteligência Artificial na produção musical, pois sua incorporação ao ensino somente se justifica quando preserva o protagonismo discente e fortalece os processos criativos que sustentam a aprendizagem musical.

Inteligência Artificial, literacia algorítmica e mediação pedagógica na Educação Musical

A incorporação da Inteligência Artificial às práticas sociais contemporâneas deve ser compreendida menos como uma inovação técnica isolada e mais como uma reconfiguração das formas de produção, circulação e validação do conhecimento. Em ambientes digitais, algoritmos organizam fluxos de informação, recomendam conteúdos e estruturam experiências de interação, influenciando escolhas, comportamentos e formas de acesso à cultura. Na educação musical, essa dinâmica manifesta-se na crescente presença de ferramentas capazes de gerar, analisar e recomendar conteúdos musicais. Nesse contexto, a IA deixa de atuar apenas como instrumento tecnológico e passa a mediar processos criativos, informacionais e formativos.

Sob uma perspectiva sociotécnica, algoritmos não constituem sistemas neutros, mas incorporam decisões humanas, modelos estatísticos e interesses institucionais que influenciam a circulação de conteúdos nas plataformas digitais (Silva, 2022). Na Educação Musical, repertórios, referências estéticas e processos criativos passam a ser

progressivamente mediados por esses sistemas, tornando necessária uma compreensão crítica de seus modos de funcionamento.

A literacia algorítmica pode ser entendida como um conjunto de competências que articula consciência da presença dos algoritmos, conhecimento básico de seu funcionamento, capacidade de avaliá-los criticamente e habilidade para lidar com seus efeitos ou interferir em suas operações (Dogruel, 2021). No campo musical, isso implica reconhecer que resultados gerados, classificações e recomendações decorrem de modelos, dados de treinamento e decisões de projeto; comparar saídas; identificar limitações e vieses; e realizar escolhas informadas. Essa perspectiva amplia a literacia digital de Gilster (1997) e converge com as orientações da UNESCO (2024) sobre transparência, proteção de dados, agência humana e avaliação crítica da IA.

A cidadania digital, por sua vez, não se restringe ao uso tecnicamente correto ou seguro das plataformas. Choi (2016) a caracteriza como uma construção multidimensional que envolve ética, literacia midiática e informacional, participação e engajamento e resistência crítica. Aplicada à Educação Musical, essa noção abrange o respeito à autoria e à propriedade intelectual, a proteção de dados, a identificação de desigualdades e estereótipos inscritos nos sistemas e a participação responsável na produção e circulação de conteúdos musicais.

Essa compreensão aproxima-se da perspectiva freireana (Freire, 2021) segundo a qual o ato educativo consiste na criação de condições para a produção do conhecimento. Em contextos mediados por IA, o desafio consiste em criar condições para que estudantes compreendam criticamente como essas tecnologias participam da produção do conhecimento. Da mesma forma, Lynn Alves (2023) destaca que tecnologias digitais e sistemas de IA reconfiguram práticas pedagógicas e mediações socioculturais, exigindo o desenvolvimento de competências críticas que permitam compreender simultaneamente suas potencialidades e limitações.

Nesse processo, a mediação pedagógica corresponde à atuação intencional do professor na organização das condições de aprendizagem, na proposição de problemas, no acompanhamento do percurso dos estudantes e na promoção do diálogo, da reflexão e da autonomia (Masetto, 2013). Em atividades com IA, mediar não significa apenas ensinar a operar uma plataforma, mas estabelecer objetivos musicais, selecionar repertórios e recursos

adequados, problematizar os resultados, apoiar revisões e criar critérios para que os estudantes fundamentem suas decisões.

Na Educação Musical, ferramentas de IA podem sugerir repertórios, gerar acompanhamentos, apoiar processos composicionais e ampliar possibilidades de experimentação sonora. Entretanto, sua incorporação não elimina a mediação docente nem reduz a criação musical à operação das plataformas. Ao contrário, exige que estudantes desenvolvam critérios para analisar, selecionar, transformar e justificar suas escolhas, considerando questões relacionadas à autoria, criatividade, uso de dados, propriedade intelectual e circulação da música em ambientes digitais.

A integração da Inteligência Artificial à Educação Musical torna-se pedagogicamente pertinente quando fortalece a criação musical, preserva a mediação docente e promove a autonomia crítica dos estudantes. Nessa perspectiva, ferramentas generativas ampliam possibilidades de experimentação e composição desde que inseridas em propostas didáticas orientadas pela problematização dos resultados produzidos e pela compreensão dos condicionamentos algorítmicos envolvidos na cultura digital.

Atividades musicopedagógicas de criação musical mediadas por Inteligência Artificial

A integração de IA às atividades de criação musical na Educação Básica demanda propostas que articulem intencionalidade pedagógica, protagonismo discente e mediação crítica das tecnologias. A partir dos referenciais discutidos nas seções anteriores, compreende-se que a utilização de ferramentas generativas adquire sentido educativo quando inserida em situações de aprendizagem que valorizem a composição, o arranjo, a improvisação e a reflexão sobre os processos criativos. Assim, as atividades apresentadas nesta seção não constituem um roteiro prescritivo nem dependem de plataformas específicas, mas exemplificam possibilidades de integração da IA a práticas de criação musical fundamentadas na Educação Musical contemporânea, preservando a autoria dos estudantes, a mediação docente e o desenvolvimento da literacia algorítmica.

Princípios para elaboração das atividades

As atividades musicopedagógicas propostas neste trabalho foram elaboradas a partir da articulação entre a compreensão da criação musical como princípio da aprendizagem (Swanwick, 2003), a teoria da composicionalidade de Paulo Costa Lima (2012; 2018), as discussões sobre Inteligência Artificial na Educação Musical e as orientações da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Embora dialoguem com diferentes referenciais, as propostas partem do entendimento de que a criação musical constitui um processo de construção de conhecimentos musicais, culturais e estéticos, no qual a utilização de ferramentas de Inteligência Artificial deve permanecer subordinada à intencionalidade pedagógica, à mediação docente e ao protagonismo dos estudantes.

Nesse contexto, a teoria da composicionalidade de Paulo Costa Lima constitui o principal referencial para a organização das atividades. O autor compreende o compor como um processo caracterizado pela indissociabilidade entre teoria e prática, pela criação de mundos, pela criticidade, pela reciprocidade entre sujeito e obra e pelo permanente campo de escolhas que orienta as decisões composicionais. Neste trabalho, esses cinco vetores são compreendidos como princípios organizadores das propostas pedagógicas, orientando a elaboração de atividades que privilegiam a experimentação, a reflexão, a tomada de decisões e a construção de sentidos, em vez da reprodução de procedimentos previamente estabelecidos.

A perspectiva de Paulo Costa Lima dialoga diretamente com Swanwick (2003), para quem a criação constitui uma das experiências centrais da aprendizagem musical, articulando-se permanentemente à apreciação e à performance. Nessa compreensão, aprender música implica participar ativamente de processos de invenção, escuta, interpretação e reorganização de ideias musicais, atribuindo significado às experiências vivenciadas. As atividades propostas procuram preservar essa concepção ao favorecer situações em que os estudantes experimentam diferentes possibilidades composicionais, analisam seus resultados e desenvolvem autonomia para justificar suas escolhas musicais, cabendo ao professor organizar as condições pedagógicas que favoreçam esse percurso.

A incorporação de ferramentas de Inteligência Artificial insere novos elementos nesse processo, ampliando as possibilidades de experimentação, composição, arranjo e improvisação. Entretanto, a utilização dessas tecnologias exige que as respostas produzidas pelos sistemas sejam tratadas como objetos de análise, e não como soluções definitivas para problemas musicais. Em consonância com as discussões sobre cidadania digital e literacia algorítmica, as atividades foram concebidas para estimular a comparação entre diferentes soluções, a problematização dos resultados apresentados pelas plataformas e a reflexão sobre aspectos relacionados à autoria, aos critérios estéticos e às implicações culturais envolvidas na produção musical mediada por Inteligência Artificial. Assim, a tecnologia passa a integrar o processo educativo como recurso de mediação da aprendizagem, sem substituir a ação criativa e crítica dos estudantes.

Esses princípios fundamentam as atividades que serão apresentadas posteriormente, concebidas para a Educação Básica e estruturadas em torno de processos de criação musical mediados por ferramentas de Inteligência Artificial.

Panorama de ferramentas de IA para atividades de criação musical

A elaboração de atividades musicopedagógicas mediadas por Inteligência Artificial pressupõe o conhecimento das ferramentas disponíveis e de suas potencialidades educacionais. Diante da rápida expansão dessas plataformas, torna-se relevante sistematizar esse ecossistema para subsidiar propostas de criação musical na Educação Básica.

No âmbito de um Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica para o Ensino Médio (PIBIC-EM) desenvolvido em um Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia, foi realizado um levantamento exploratório de plataformas de Inteligência Artificial com potencial de aplicação em atividades de Educação Musical. O Quadro 1 sintetiza parte desse mapeamento, organizando as ferramentas segundo suas funcionalidades predominantes. Não se trata de uma relação exaustiva ou definitiva, mas de um panorama do ecossistema tecnológico disponível durante a realização da pesquisa. Considerando o ritmo acelerado de desenvolvimento dessas tecnologias, novas plataformas poderão surgir e outras deixar de existir após a publicação deste trabalho. Assim, o quadro deve ser compreendido como um registro do cenário tecnológico vigente no período da investigação, cuja finalidade

é subsidiar a seleção de ferramentas compatíveis com diferentes objetivos pedagógicos, e não estabelecer uma lista permanente de plataformas.

O levantamento identificou aproximadamente trinta plataformas voltadas à criação musical mediada por Inteligência Artificial. Observou-se, entretanto, que grande parte dessas ferramentas compartilha princípios de funcionamento semelhantes, diferenciando-se principalmente pela interface, pelo modelo de negócio, pela qualidade dos resultados e pelos recursos adicionais oferecidos. Em razão dessa convergência tecnológica, optou-se por organizá-las segundo categorias funcionais, privilegiando as possibilidades pedagógicas de cada grupo em detrimento da descrição individual de cada plataforma.

Quadro 1: Categorias funcionais de ferramentas de Inteligência Artificial para atividades musicopedagógicas de criação musical

Categoria	Princípio de funcionamento	Exemplos de plataformas
Texto-para-áudio (*text-to-audio*)	Geração de música a partir de prompts textuais	Suno, Udio, Mureka, TopMediAi, Mubert, Musicful, Singify, MusicGPT
Ambientes de composição assistida por IA	Ambientes de produção musical com IA que apoiam a criação e edição de composições.	AIVA, BandLab (SongStarter), Songen e Soundraw.
Separação de faixas	Decomposição automática de gravações em faixas independentes de voz e instrumentos.	Moises, Lalal.ai, Fadr.
Reconhecimento e análise musical	Identificação automática de acordes, tonalidade, andamento e outros elementos musicais a partir de áudio.	Chord AI, Klang.io, Songscription, Swaram, Guitariz.

Apresentação das atividades

Proposta 1: Exploração crítica de ferramentas de Inteligência Artificial para criação musical

A primeira atividade tem como objetivo desenvolver a escuta analítica e a tomada de decisões composicionais por meio da interação com ferramentas de Inteligência Artificial generativa do tipo *text-to-audio*. O professor seleciona previamente duas ou três obras pertencentes a diferentes contextos culturais, contemplando distintas tradições musicais e incluindo produções oriundas de musicalidades historicamente marginalizadas ou pouco representadas. A diversidade do repertório busca ampliar os referenciais estéticos dos estudantes e evitar que a atividade se restrinja aos gêneros musicais mais recorrentes nas plataformas digitais.

Após uma escuta coletiva de cada obra, os estudantes recebem o desafio de produzir, com auxílio de ferramentas como Suno, Udio ou Mureka, uma versão que se aproxime das principais características musicais da obra original. Para isso, deverão elaborar sucessivos *prompts*, avaliando criticamente os resultados obtidos e refinando suas descrições até alcançarem uma versão considerada satisfatória. O foco da atividade não reside na reprodução exata da música (o que implicaria em questões de direitos autorais), mas na capacidade de identificar, descrever e negociar elementos como instrumentação, andamento, textura, caráter expressivo, forma e estilo musical.

Ao longo do processo, o professor assume papel de mediador, incentivando os estudantes a justificar as escolhas realizadas e a refletir sobre as limitações e potencialidades das ferramentas utilizadas. Questões como "Quais elementos da música a IA conseguiu representar?", "O que permaneceu ausente?", "Quais aspectos foram simplificados ou estereotipados?" e "Que informações precisaram ser acrescentadas aos *prompts* para modificar o resultado?" favorecem o desenvolvimento da literacia algorítmica ao evidenciar que os sistemas generativos não compreendem música da mesma forma que os seres humanos, mas operam a partir de padrões estatísticos aprendidos durante o treinamento.

Sob a perspectiva da teoria da composicionalidade de Paulo Costa Lima, a atividade mobiliza, sobretudo, os vetores da criticidade, ao exigir que os estudantes interpretem a obra musical e avaliem criticamente as respostas produzidas pela IA; do campo de escolhas, uma vez que cada reformulação dos *prompts* corresponde a decisões estéticas conscientes; e da indissociabilidade entre teoria e prática, pois conceitos musicais relacionados à forma, timbre, textura e instrumentação emergem da própria experiência de criação, sendo continuamente

mobilizados para orientar novas experimentações. Em diálogo com Swanwick, a proposta privilegia a composição como forma de compreensão musical, articulando percepção, imaginação e reflexão crítica em uma atividade em que fazer, ouvir e analisar constituem dimensões inseparáveis da aprendizagem.

Proposta 2: Composição colaborativa mediada por Inteligência Artificial

A segunda proposta desloca o foco da exploração de ferramentas para o desenvolvimento de um processo de composição musical colaborativa mediado por Inteligência Artificial. Organizados em pequenos grupos, os estudantes serão convidados a elaborar uma composição autoral utilizando ambientes de criação assistida por IA, como AIVA, BandLab (SongStarter), Songen ou Soundraw, articulados a recursos de edição, gravação e manipulação sonora. Diferentemente das plataformas de geração por *prompt*, esses ambientes permitem que os estudantes intervenham continuamente sobre o material produzido, reorganizando estruturas musicais, alterando parâmetros, substituindo elementos e construindo coletivamente uma obra própria.

A atividade inicia-se com a geração de ideias musicais preliminares por meio das ferramentas selecionadas. As sugestões produzidas pela IA não deverão ser compreendidas como resultados finais, mas como materiais iniciais passíveis de transformação. A partir dessas propostas, cada grupo deverá selecionar, modificar, combinar ou descartar elementos musicais de acordo com seus objetivos estéticos, podendo reorganizar melodias, harmonias, timbres, texturas e estruturas formais. Ao longo desse percurso, os estudantes também serão estimulados a incorporar materiais produzidos por eles próprios, como gravações de voz, instrumentos ou paisagens sonoras, além de *samples* obtidos por ferramentas de separação de faixas, ampliando as possibilidades de experimentação criativa.

Sob a perspectiva da teoria da composicionalidade de Paulo Costa Lima, a proposta mobiliza simultaneamente os cinco vetores do compor. A indissociabilidade entre teoria e prática manifesta-se na alternância permanente entre experimentação, reflexão e tomada de decisões; o campo de escolhas evidencia-se nas sucessivas negociações entre as sugestões da IA e as intenções estéticas dos estudantes; a criação de mundos ocorre na construção de uma identidade sonora própria para cada composição; a reciprocidade revela-se na maneira como

o processo transforma simultaneamente a obra e os próprios sujeitos envolvidos; e a criticidade permeia todas as etapas, exigindo que os participantes avaliem continuamente as implicações estéticas, técnicas e éticas de suas escolhas.

Em vez de utilizar a Inteligência Artificial para automatizar a criação, a atividade busca favorecer processos de investigação, experimentação e resolução de problemas musicais, nos quais a tecnologia atua como mediadora das experiências criativas, preservando o protagonismo dos estudantes na construção dos discursos musicais. Nessa perspectiva, a composição deixa de representar apenas um produto final e passa a constituir um espaço de aprendizagem em que diferentes repertórios culturais, referências estéticas e experiências sonoras podem ser articulados criticamente.

Proposta 3: Análise musical e recriação a partir do reconhecimento automatizado

A terceira proposta mobiliza ferramentas de reconhecimento e análise musical, como Chord AI, Klang.io ou Songscription, para confrontar a escuta dos estudantes com inferências automatizadas. O professor seleciona uma gravação compatível com a etapa escolar e, antes de consultar a plataforma, os grupos identificam, por escuta, aspectos como métrica, andamento, forma, tonalidade e progressões harmônicas. Em seguida, comparam suas hipóteses aos dados fornecidos pelo sistema, localizam divergências e verificam as respostas por meio do canto, execução instrumental ou aplicativos musicais.

Com base nessa análise, cada grupo cria uma breve recriação, rearranjando a música. As informações da IA funcionam como hipóteses sujeitas à validação auditiva, e não como gabarito. Perguntas sobre as divergências entre análise automática e escuta, as possíveis causas dos erros e os efeitos das transformações articulam percepção, performance e composição, além de desenvolverem a literacia algorítmica e a criticidade.

Considerações finais

Este trabalho apresentou uma proposta de atividades musicopedagógicas de criação musical mediadas por Inteligência Artificial para a Educação Básica, fundamentada na articulação entre os princípios da educação musical de Keith Swanwick, os vetores da

composicionalidade de Paulo Costa Lima e as discussões contemporâneas sobre literacia algorítmica e mediação pedagógica. Partiu-se do entendimento de que a incorporação da Inteligência Artificial ao ensino de música não constitui apenas uma questão tecnológica, mas sobretudo pedagógica, exigindo que seu uso esteja orientado por objetivos formativos que promovam a criação, a reflexão crítica e a autonomia dos estudantes.

As atividades propostas procuram deslocar o foco do domínio instrumental das plataformas para os processos de tomada de decisões estéticas, negociação de sentidos e construção de discursos musicais. Nessa perspectiva, a Inteligência Artificial é compreendida como um recurso de mediação capaz de ampliar possibilidades de experimentação e criação, sem substituir o protagonismo dos sujeitos nem reduzir a aprendizagem musical à obtenção de produtos gerados por algoritmos. A organização das propostas a partir dos vetores da composicionalidade busca oferecer um referencial que auxilie professores na elaboração de práticas em que a criação musical permaneça como experiência de investigação, escolha, criticidade e produção de sentidos.

Também se procurou contribuir para a aproximação entre discussões recentes sobre Inteligência Artificial na educação e referenciais consolidados da Educação Musical. Embora a literatura da área venha evidenciando o potencial pedagógico dessas tecnologias, observa-se que ainda são reduzidas as proposições que articulam fundamentos educacionais, criação musical e uso crítico da Inteligência Artificial em contextos escolares. Nesse sentido, o panorama de ferramentas apresentado e as atividades propostas pretendem constituir um ponto de partida para docentes interessados em desenvolver práticas criativas mediadas por essas tecnologias.

Por fim, reconhece-se que tanto as ferramentas de Inteligência Artificial quanto as formas de interação entre pessoas e sistemas algorítmicos encontram-se em constante transformação. As propostas apresentadas não devem ser compreendidas como modelos prescritivos ou vinculados a plataformas específicas, mas como possibilidades metodológicas passíveis de adaptação a diferentes contextos educacionais e às mudanças do ecossistema tecnológico. Espera-se, assim, que este trabalho contribua para ampliar o debate sobre os usos pedagógicos da Inteligência Artificial na Educação Musical e incentive novas

investigações empíricas acerca de seus impactos nos processos de criação, aprendizagem e formação musical.

Referências

ALVES, Lynn Rosálina Gama (org.). Inteligência artificial e educação: refletindo sobre os desafios contemporâneos. Salvador: EDUFBA; Feira de Santana: UEFS Editora, 2023. 227 p.

BELING, Rafael; NASSIF, Silvia Cordeiro. O desenvolvimento da criação musical: cinco reflexões para a prática educativa em música. Revista Eletrônica de Educação, [S. l.], v. 14, p. e2930043, 2020. DOI: 10.14244/198271992930. Disponível em: https://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/2930. Acesso em: 5 jul. 2026.

CERNEV, Francine Kemmer. O uso da Inteligência Artificial por estudantes de licenciatura em música: um estudo exploratório. EVENTOS ABEM, [S. l.], v. 1, 2025. Disponível em: https://eventos.abem.mus.br/eventos/article/view/41. Acesso em: 2 set. 2026.

CHOI, Moonsun. A concept analysis of digital citizenship for democratic citizenship education in the internet age. Theory & Research in Social Education, [S. l.], v. 44, n. 4, p. 565-607, 2016.

DOGRUEL, Leyla. What is algorithm literacy? A conceptualization and challenges regarding its empirical measurement. In: TADDICKEN, Monika; SCHUMANN, Cornelia (ed.). Algorithms and communication. Berlin: Digital Communication Research, 2021. p. 67–93. Disponível em: https://doi.org/10.48541/dcr.v9.3. Acesso em: 16 set. 2026.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2021.

GILSTER, Paul. Digital literacy. New York: Wiley, 1997.

GOHN, Daniel. Inteligência Artificial no ensino e aprendizagem de bateria e percussão: ferramentas atuais e perspectivas futuras. Revista da Abem, [S. l.], v. 33, n. 1, e33113, 2025.

LIMA, Paulo Costa. Teoria e prática do compor I: diálogos de invenção e ensino. Salvador: EDUFBA, 2012.

MAHEIRIE, Kátia; BARRETO, Fábio Ramos. "Vamos brincar de compor?": experiências com criação na educação musical formal. Cadernos CEDES, Campinas, v. 39, n. 107, p. 111-123, 2019. Disponível em: http://dx.doi.org/10.1590/CC0101-32622019213145. Acesso em: 13 jul. 2026.

MASCARENHAS, Matheus Bezerra; MACEDO, Eloilma Moura Siqueira; PARENTE, Filipe Ximenes. A criação de canções na Educação Infantil. In: ENCONTRO REGIONAL NORDESTE DA ABEM, 17., 2024, Sobral. Anais [...]. Sobral: Associação Brasileira de Educação Musical (ABEM), 2024. Disponível em:

https://abem.mus.br/anais_ernd/v6/papers/2264/public/2264-9173-1-PB.pdf. Acesso em: 5 jul. 2026.

MASETTO, Marcos Tarciso. Mediação pedagógica e tecnologias de informação e comunicação. In: MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos Tarciso; BEHRENS, Marilda Aparecida. Novas tecnologias e mediação pedagógica. Campinas: Papirus, 2013.

OLIVEIRA, Lucas Flaviano da Silva; CHAGAS NETO, Antonio; BARROS, Matheus Henrique da Fonsêca. Música, tecnologia e Inteligência Artificial (IA): proposta de atividades pedagógico-musicais a partir da plataforma Moises. Música na Educação Básica, [S. l.], v. 15, n. 18, e151805, 2026. Disponível em: https://revistameb.abem.mus.br/meb/article/view/361. Acesso em: 2 set. 2026.

SAMPAIO, Thiago Machado; WESTERMANN, Bruno. Inteligência Artificial e música no Brasil (2019-2025): uma revisão narrativa sobre produção acadêmica, tendências e lacunas. EVENTOS ABEM, [S. l.], v. 1, 2025. Disponível em: https://eventos.abem.mus.br/eventos/article/view/216. Acesso em: 2 set. 2026.

SILVA, Tarcízio. Racismo algorítmico: inteligência artificial e discriminação nas redes digitais. São Paulo: Edições Sesc, 2022.

SWANWICK, Keith. Ensinando música musicalmente. Tradução de Alda Oliveira e Cristina Tourinho. São Paulo: Moderna, 2003.

UNESCO. Guia para a IA generativa na educação e na pesquisa. Paris: UNESCO, 2024. Disponível em: https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000390241. Acesso em: 2 jul. 2026.

VERAS, Alan Rommel Rodrigues; OLIVEIRA, Mário André Wanderley. Inteligência Artificial Generativa e formação em pesquisa: uma pesquisa-ação com licenciandos/as em Música de uma universidade brasileira. EVENTOS ABEM, [S. l.], v. 1, 2025. Disponível em: https://eventos.abem.mus.br/eventos/article/view/556. Acesso em: 2 set. 2026.

ZIEL, Francieli. Composição musical: um caminho para explorar a liberdade criativa na Educação Básica. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 10., 2024, Campina Grande. Anais [...]. Campina Grande: Realize Editora, 2024. Disponível em: https://editorarealize.com.br/index.php/artigo/visualizar/118955. Acesso em: 2 set. 2026.